

À beira-mar

Ana Martins Marques

Estimulada pelos editores, Ana não poderia ter deixado de se enveredar pelo jogo da bola, empregando seu modo de pensar o mundo, pois, à maneira de Clarice Lispector, parece possuir certa *avidez por participar de tudo, e logo de futebol que é tão Brasil, não iria entender jamais?* Pela tangente, elas, que não praticaram o jogo, ousaram a falar dele.



De pronto, surge a reflexão sobre o fato desse jogo não ser compreendido pelos índios, que o jogavam para empatar. Logo, vem uma sequência de ponderações desviada ao outro – “nós devemos aprender / meu amor / não a ganhar ambos / mas, ambos, a perder”.

No segundo tempo, Ana propõe “ao menos neste poema [...] / evitar / tornar o futebol / metáfora de tudo”, momento em que o pequeno campo, à beira-mar, onde jogam meninos e turistas, começa a sumir e o futebol desaparece do/no texto.

Do ponto de vista formal, é curioso observar que “À beira-mar” é dividido em dois tempos (duas estrofes) e composto por 45 versos, sugerindo aproximações com o tempo do jogo.

Este poema foi publicado na plaquete *Pelada poética* (Scriptum, 2010), organizada por Mário Alex Rosa e Welbert Belfort, e republicado no livro *Pelada poética: antologia* (Scriptum, 2013). Em 2014, “À beira-mar” foi gravado em estúdio pela própria autora e passou a integrar a instalação poética da exposição de longa duração do Museu do Mineirão – sala Futebol e outras Artes –, que contou com a sonorização de Fabiano Fonseca e concepção de Gustavo Cerqueira Guimarães, que participa desta faixa.

* * *

Ana Martins Marques nasceu em Belo Horizonte, em 1977. Formou-se em Letras pela UFMG, é mestre em Literatura Brasileira e doutora em Literatura Comparada na mesma instituição. Publicou *A vida submarina* (Scriptum, 2009), *Da arte das armadilhas* e *O livro das semelhanças* (Companhia das Letras, 2011 e 2015). Recebeu importantes premiações, como o Prêmio Cidade Belo Horizonte de Literatura (2007 e 2008), Prêmio Literário da Fundação Biblioteca Nacional (2012) e Prêmio da APCA (2015), além de ter uma coletânea de poemas traduzidos para o inglês.

1º tempo

Como esses índios
de que falava Lévi-Strauss
que, tendo aprendido o futebol,
não o jogavam para vencer
mas para empatar
nós devemos aprender
meu amor
não a ganhar ambos
mas, ambos, a perder:
perder o tempo que nos falta
as cartas que nem trocamos
os beijos que não nos demos
o filho que não tivemos
todo este amor
que te peço.



Para ouvir o áudio é necessário baixar este PDF ou
acessar o link: <http://bit.ly/FuLiA-UFMG-a-beira-mar>.

2º tempo

Mas não:
ao menos neste poema
seria preciso evitar
tornar o futebol
metáfora de tudo
e perder-nos nesses jogos
em que o amor é a partida e nós, o campo
ou em que o amor é o goleiro e nós, a bola
ou em que o amor é o jogador e nós, a partida
ou em que eu sou a bola e você, o gol
ou em que eu sou o campo e você, a bola
seria preciso evitar
todas essas metáforas
e pensar naquele pequeno campo
à beira-mar
que quando a maré abaixa
enche-se de meninos
e turistas
queimados como pedras calcinadas
e quando a maré aumenta
transforma-se
em palco
de um inusitado polo aquático
enquanto
sob as águas
peixes improváveis atravessam o campo
de um lado a outro
indiferentes aos nossos jogos.